

CRISE

Economia cresce e as pessoas não sentem? A culpa é da inflação, dos juros e dos salários

Portugal cresce bem mais do que se previa, mas condições de vida de muitas famílias não estão a melhorar

Textos SÓNIA M. LOURENÇO

Depois do forte arranque de 2023, as projeções de crescimento para a economia portuguesa este ano têm vindo a ser expressivamente revistas em alta. Comissão Europeia e Fundo Monetário Internacional, por exemplo, que apontavam para 1%, subiram esse número para 2,4% e 2,6%, respetivamente. Apesar de tudo indicar um segundo trimestre mais fraco, parece certo — salvo alguma hecatombe — que o Produto Interno Bruto (PIB) vai avançar bem acima do que se esperava, ainda que abrindo face aos 6,7% de 2022.

Mas, se a economia está melhor do que se esperava, porque é que muitas famílias não o sentem nas suas condições de vida? A culpa é da inflação ainda elevada, da queda dos salários reais, da subida do desemprego e do disparo dos juros, agravando — muito — as prestações de crédito à habitação.

“As dificuldades que a maioria das pessoas sente no dia a dia prende-se com o aumento generalizado dos preços, o crescimento insuficiente dos salários e o aumento das taxas de juro”, salienta Ricardo Paes Mamede, professor do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa. Ora, “o facto de a economia crescer não implica a inversão imediata de nenhuma destas tendências”, sublinha. Aliás, “um bom desempenho da economia tende a criar pressões adicionais sobre os preços e, se for comum ao conjunto da zona euro, leva o Banco Central Europeu a elevar ainda mais as taxas de juro”, frisa o economista.

A equação que define as condições de vida das famílias tem dois lados: o rendimento e as despesas. Do lado das despesas, a inflação é o grande “inimigo”. A escalada dos preços atingiu níveis que não eram vistos há décadas em Portugal e na Europa. É certo que a inflação já começou a recuar, mas mantém-se elevada, sobretudo nos produtos alimentares. Em abril, os preços dos produtos alimentares não transformados subiram mais de 14% em Portugal, por comparação com o mesmo mês do ano passado. Quem mais sofre são as famílias de menores rendimentos, onde os bens essenciais têm maior peso no orçamento. “Há uma situação desigual entre as famílias, sentindo as mais carenciadas de forma mais intensa o efeito arrastado da inflação”, aponta Paula Carvalho, economista-chefe do BPI.

Acresce que a escalada da inflação levou o Banco Central Europeu (BCE) a endurecer a sua política monetária. Com uma vítima colateral: as muitas famílias portuguesas — mais de 1,3 milhões, segundo os últimos dados do Banco de Portugal — com crédito à habitação com taxa de juro variável, que viram a sua prestação mensal ao banco sofrer um forte agravamento. Uma situação que afeta em particular a classe média, já que nos escalões mais baixos de rendimento há uma reduzida incidência de crédito à habitação.

Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) indicam que a prestação média, considerando todos os contratos de crédito à habitação no país, aumentou 33% (mais €84) no espaço



Preços dos produtos alimentares são dos que mais sobem
FOTO JOSÉ FERNANDES

de um ano (entre abril de 2022 e abril de 2023). Já considerando apenas os contratos celebrados nos últimos três meses, onde os juros pesam mais na prestação, a subida foi de 52% (mais €203).

Salário médio continua a cair em termos reais

Para muitas famílias no país, rendimento é sinónimo de salário.

“Um crescimento económico robusto tende a fazer aumentar a procura por trabalhadores e a pressionar os salários em alta”, nota Ricardo Paes Mamede. Mas “tal só acontece de forma expressiva quando o nível de desemprego é suficientemente baixo e alargado a vários segmentos do mercado de trabalho”, vinca.

Ora, os dados do INE com base nas remunerações declaradas à

Segurança Social bem como a informação da Caixa Geral de Aposentações — ou seja, que abrangem os sectores privado e público — indicam que, apesar de a economia portuguesa ter crescido 6,7% no ano passado, quem vive apenas do seu salário, em média, perdeu poder de compra. “O aumento dos salários não compensou a inflação, levando a uma perda do poder

de compra de 4%”, nota Pedro Brinca, professor da Nova SBE. Deste modo, “percebe-se que as pessoas não sintam a melhoria do seu nível de vida que a taxa de crescimento real do PIB poderia sugerir”, salienta o economista. Como resultado “tem-se observado uma descida da proporção da riqueza criada que remunera o fator trabalho, enquanto as empresas terão visto

ONDE SOBEM E DESCEM OS SALÁRIOS

■ **Administração Pública** O salário médio caiu 2,5% em termos reais no primeiro trimestre. Governo avançou com atualização extra de 1%.

■ **Sector privado** O salário médio subiu ligeiramente em termos reais (0,3%).

■ **Eletricidade, gás e água** Os lucros têm engordado e a remuneração média subiu 3,9% em termos reais.

■ **Alojamento e restauração** Pressionado pela escassez de trabalhadores, o salário médio subiu 1,9% em termos reais.

■ **Sector financeiro** Além da Administração Pública, Defesa e Segurança Social, foi onde o salário médio caiu mais (-3,6%).

um aumento das margens, com preços que acabaram por aumentar mais do que os custos”, alerta Pedro Brinca. Segundo o Eurostat, a fatia dos salários no PIB recuou em 2022, tanto em Portugal como na zona euro e no conjunto da UE. “A expectativa é que a subida dos salários possa recuperar durante 2023”, considera Pedro Brinca, lembrando que “os mercados de trabalho continuam com mínimos históricos na Europa, apesar de o desemprego ter subido um pouco no primeiro trimestre”.

Só que os dados do INE indicam que a taxa de desemprego em Portugal está a subir há três trimestres consecutivos e atingiu 7,2% nos primeiros três meses de 2023. Se excluirmos o período atípico da pandemia, é o valor mais alto desde 2018. Ao mesmo tempo, o salário médio no país continuou a cair em termos reais, ainda que a evolução seja heterogênea (ver caixa). Nomeadamente, entre sector público — onde a remuneração média em termos reais caiu — e privado — onde cresceu ligeiramente —, bem como entre diferentes atividades.

Tudo somado, “não é estranho que, durante algum tempo, a economia possa crescer e as condições de vidas das pessoas não melhorarem”, diz Ricardo Paes. Até porque “o crescimento está a ser alimentado por dois fatores ‘externos’: as exportações e o peso dos não residentes na atividade, que não se refletem imediatamente e diretamente no rendimento das famílias”, acrescenta Paula Carvalho. Já João Borges de Assunção, professor da Católica-Lisbon, lembra que “as perspetivas de crescimento da economia para horizontes próximos continuam baixas. O que faz com que melhorias pontuais num trimestre não se transformem em aumentos de investimento, emprego ou rendimento permanente”.

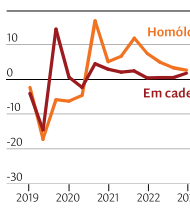
Neste contexto, “os governos têm à sua disposição diferentes instrumentos para aliviar as dificuldades das pessoas (seja através da política de rendimentos, seja por via fiscal) sem incorrer em desequilíbrios orçamentais acentuados, o que é possível graças ao crescimento económico”, remata Ricardo Paes Mamede.

slourenco@expresso.imprensa.pt

Números animam primeiros meses de 2023

SURPRESA POSITIVA NO ARRANQUE DE 2023

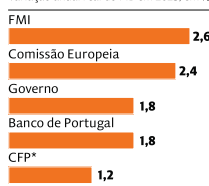
Variação real do PIB trimestral, em %



FONTE: INE

PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO REVISTAS EM ALTA

Variação anual real do PIB em 2023, em %



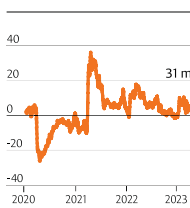
* Conselho das Finanças Públicas

FONTES: FMI, MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, BANCO DE PORTUGAL, CONSELHO DAS FINANÇAS PÚBLICAS

SURPRESA POSITIVA No primeiro trimestre, a economia portuguesa cresceu acima de todas as previsões, alcançando um dos melhores desempenhos na Europa. Contributo das exportações destacou-se, com turismo no papel principal. Sector ficou acima do ano recorde de 2019. O resultado foi a revisão em alta das projeções de crescimento em 2023.

ATIVIDADE ECONÓMICA ABRANDA NO 2º TRIM.

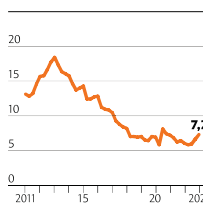
Média móvel semanal do Indicador Diário de Atividade Económica, em %



FONTE: BANCO DE PORTUGAL

DESEMPREGO ESTÁ A SUBIR

Taxa de desemprego, em %



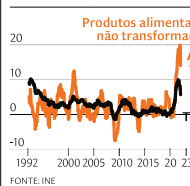
FONTE: INE

COPO MEIO VAZIO Nem tudo são boas notícias. Dados disponíveis — nomeadamente do Indicador Diário de Atividade Económica, calculado pelo Banco de Portugal — apontam para que segundo trimestre seja mais fraco, cenário que projeções já incorporam. Além disso, a taxa de desemprego subiu para 7,2% no primeiro trimestre, o valor mais alto desde 2018 se excluirmos o período da pandemia.

Orçamento das famílias permanece sem alívio

INFLAÇÃO RECUA, MAS AINDA É ELEVADA

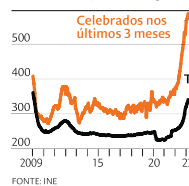
Taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor



FONTE: INE

PRESTAÇÕES DA CASA COM FORTE ALTA

Prestação média nos contratos de crédito à habitação em Portugal, em €



FONTE: INE

PREÇOS A SUBIR E JUROS TAMBÉM A inflação está a recuar, mas mantém-se elevada. Ou seja, os preços que as famílias têm de pagar por bens e serviços continuam a aumentar, sobretudo nos produtos alimentares. E com o Banco Central Europeu a manter a trajetória de subida dos juros, as prestações do crédito à habitação — que já aumentaram, em média, entre 33% (considerando todos os empréstimos) e 52% (contratos mais recentes) — vão subir mais.

SALÁRIO MÉDIO CONTINUA A CAIR EM TERMOS REAIS

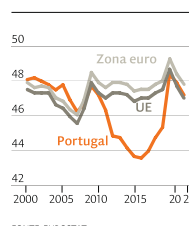
Variação homóloga em termos reais da remuneração bruta total mensal média por trabalhador, em %



FONTE: INE

PESO DOS SALÁRIOS NO PIB EM QUEDA

Compensação dos trabalhadores em % do PIB



FONTE: EUROSTAT

AUMENTOS SALARIAIS NÃO COMPENSAM INFLAÇÃO Depois de cair 4% em termos reais no ano passado, o salário médio em Portugal manteve uma trajetória negativa no primeiro trimestre deste ano, voltando a cair quando se considera o impacto da inflação. A evolução foi, contudo, muito heterogênea no país. Certo é que a fatia dos salários no Produto Interno Bruto voltou a encolher, tanto em Portugal como na zona euro e no conjunto da União Europeia.